

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Esaú e Jacó e a República que não foi:
Uma Abordagem Histórico-Política Sob a Perspectiva Machadiana.

CLÉIA CRISTINA DA SILVA

2901 s. 9
(c)

COCHILCEU
Correspondência Recebida:
em 15/03/25
f. 10/25

Cléia Cristina da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Tel. 38400-902 - Uberlândia - M. G. - Brasil

***Esau e Jacó e a República que não foi:
Uma Abordagem Histórico-Política Sob a Perspectiva Machadiana.***

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em História, do Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial para
obtenção do título de Bacharel em
História, sob a Orientação da Profa.
Dra. Christina da Silva Roquete
Lopreato.

Uberlândia, 2.004

CLÉIA CRISTINA DA SILVA

Esaú e Jacó e a República que não foi:
Uma Abordagem Histórico-Política Sob a Perspectiva Machadiana.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Christina da Silva Roquete Lopreato

Profa. Ms. Cristiane da Silveira

Profa. Jakeline Cunha de Paula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Centro de Documentação e Pesquisa em
História - CDHIS
Campus Stª Mônica - Bloco 1Q (Antigo Mineirão)
Av. Universitária S/Nº
Fax 38400-992 Uberlândia - M.G. - Brasil

Dedico este trabalho, com toda gratidão
a Christina Lopreato, pelas leituras e
releituras, pelo carinho, dedicação e
paciência durante o processo de
construção deste.

AGRADECIMENTOS

Um muito obrigado não expressa a gratidão que tenho por todos que colaboraram de forma direta ou indiretamente para conclusão deste curso. Mas gostaria de deixar impresso aqui meu carinho e gratidão.

A Deus, por ter me consolado nos momentos de angústia e solidão, sempre me mostrando que vale a pena continuar e lutar por aquilo que sonha e acredita.

Meus pais, pelo amor incondicional que dedicaram a mim por todos estes anos. Estando sempre presente nos momentos em que mais deles precisei. A vocês, Altair e Renalda, o meu muito obrigada, por todas orações e bênçãos, que suplicaram aos céus por mim.

Meus irmãos Cátia, Claudinei, Cleide, Cleonice e Carlos Henrique, peças fundamentais no quebra cabeça de minha vida. Não há palavras que expresse o meu amor, respeito e gratidão a todos vocês. Em especial a Cleonice (Dunga), por ter sido minha grande companheira e amiga, por estar todos os dias a meu lado.

Aos meus sobrinhos, que são amores de minha vida, Talissa, Lorena, José Wilson, Jordana e Ítalo. Obrigada por vocês existirem e, pelo sincero amor e carinho a mim destinado. Vocês são, minha alegria de viver.

A todos amigos que me deram apoio, e um ombro amigos quando precisei, broncas quando mereci e conselhos quando necessitei para nortear o momento: Meire Aparecida, Jane, Íris, Dilma, Keny, Alessandra Davi, e muitos outros meu muito obrigada.

Ao amigo João Batista, pelo carinhoso atendimento e atenção aos meus problemas e minhas alegrias, obrigada pela grande amizade no decorrer do curso, que com certeza perdurará.

A outro amigo Lourival Mendes, meu muito obrigado pelo apoio, carinho e confiança a mim depositados, pelos conselhos, e pelas conversas que me fizeram crescer, sofrer e sorrir, a você a minha mais sincera gratidão.

Enfim agradeço a todos que colaboraram para a conclusão deste curso, a todos que acreditaram e acreditam na minha vitória, deixo meu muito OBRIGADO.

“Mais dia, menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, à câmara, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário do historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. (...)”

(Machado de Assis, “Historia dos Quinze Dias”)

SUMÁRIO

- Considerações Iniciais	09
- I Capítulo	15
Virando vinte: O Rio de Janeiro e o Cenário Nacional.	
- II Capítulo	30
Esaú e Jacó: Uma Abordagem Histórico-Política da Virada do Século	
- Considerações Finais	43
- Bibliografia e Fontes	46

RESUMO

Neste trabalho pretendo abordar a importância da literatura enquanto documento histórico. A partir de uma análise da sociedade do século XIX, através da obra *Esau e Jacó*, enfocando o aspecto político e sócio cultural. O período é muito bem explorado nesse romance no qual Machado de Assis busca definir a fisionomia política do país, enfocando a cidade do Rio de Janeiro.

A escolha desta obra se dá por ela explorar um marco histórico político do Brasil: o processo de transição de decadência da Monarquia e ascensão da República. O autor trabalha de forma muito interessante através das personagens Paulo e Pedro, as quais tem preferências políticas diferenciadas (o primeiro defensor da implantação da República, enquanto o segundo quer a continuidade do regime Monárquico), fazendo alusões aos regimes políticos, o que faz do romance uma rica fonte historiográfica para analisar a política do séc. XIX.

Machado de Assis é um autor que nos conduz ao período abordado na obra, proporcionando-nos uma análise das transformações ocorridas, percebendo de forma mais direta quais inquietações e o que esperava politicamente o povo naquela época, as insatisfações que tinham com o regime monárquico e as decepções com a república recentemente implantada.

Assim, percebendo história e literatura como uma via de mão dupla, e considerando as importantes contribuições que a literatura brasileira proporciona à história, acredito que esse trabalho possa também contribuir para pensarmos sobre a viabilidade de analisar história por outro viés, com fontes diferenciadas.

Palavras chaves: História - Literatura – Política.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história é uma ciência, mas uma ciência que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, ser poética, pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, a estruturas Dialogar com outras ciências humanas e sociais é plausível, mas nunca confundi-las.¹

(Marc Bloc)

Ao iniciar este trabalho, é importante ressaltar como se tornou possível realizá-lo. Fazer uma análise da corrente historiográfica a qual tornou possível a interdisciplinaridade dos estudos da história. Neste sentido é preciso tecer algumas considerações sobre a Nova História, enfocando uma reflexão acerca das relações existentes entre a literatura e a história, bem como a utilização de romance como fonte histórica.

Atualmente, a historiografia, principalmente no que se refere à História Cultural, tem apontado o surgimento de novos temas, novos objetos, gerando novas formas de se produzir o conhecimento histórico.

As mudanças ocorridas no campo da historiografia se tornaram possíveis através do movimento dos Annales. A revista dos *Annales* surge numa época em que a "escola metódica" a qual exalta a sua preocupação com a erudição, privilegiando a dimensão política, procurando dar grande ênfase ao acontecimento. Já corrente inovadora dos *Annales* aponta o acontecimento e desvia a sua atenção da vida política e atividades econômicas, para a organização social e a psicologia coletiva. Dessa forma, esforçavam-se em aproximar a história das outras ciências humanas.

A Revista foi fundada em 1929 tendo como principais mentores Marc Bloch e Lucien Febvre. A revista se consagrou conjuntamente com a obra de seus principais fundadores. O movimento dos Annales não possui, exatamente, os elementos que constituem uma escola, rigidamente organizada fechada estritamente em torno de uma convicção ou paradigma.

Em sua primeira concepção, os trabalhos de seus principais pensadores fizeram-na mundialmente conhecida com a proposta de renovar-se e manter-se sempre atual. Notamos

¹ BLOCH, Marc. *Apologia da história. ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

que, nos anos 60, uma grande repercussão da revista e forte influência de Fernand Braudel. Na terceira “fase” dos *Annales*, ou na chamada *Nova História* destacam-se historiadores como LeGoff, Duby, como membros que contribuíram para o desenvolvimento do projeto de Lucien Febvre, o qual inicia uma nova revolução na historiografia, alargando as fronteiras da história de forma a incorporar novas abordagens, novos problemas, novos olhares para a realidade.

Não podemos deixar de ressaltar aqui um grande colaborador deste movimento, que muito possibilitou para pensarmos a história em novas abordagens, Marc Bloc considerado por muitos como o fundador da antropologia histórica, fez história com o que antes era entendido como anedota ou superstição, ou seja, o que antes era tido como sem grande importância para a historiografia tornou-se fonte para análise da história.

Tratando-se da Nova História e da diversidade temática e de abordagens, é comum a dificuldade com questões teórico-metodológicas na discussão de problemas considerados recentemente pela historiografia, a exemplo da leitura a ser dada às fontes, que eram consideradas não tradicional de uso pelos historiadores, ampliando as possibilidades de análise. Neste aspecto, a diversificação de linguagens termina por exigir novas formas de abordagens e diferentes perspectivas de análise. Daí podemos situar a linguagem literária como uma das mais ricas, pelo seu poder de aperfeiçoar simbolicamente a realidade.

A literatura constitui, por isso, uma grande chave para a investigação histórica de novos objetos e novos problemas. Nesse tipo de fonte, podemos encontrar dados dispersos ou mesmo silenciados por outras fontes. Devemos ficar atentos, no entanto, para que, no usufruto da literatura pela investigação histórica, não abandonemos sua porção poética.

Trata-se de uma rica relação e não seria muito insistir em que não se trata de compreender apenas a literatura enquanto reflexo da história. Assim como a história, a literatura também possibilita esclarecer aspectos da cultura e da sociedade. Não esquecendo que todo texto cria e constrói, intencionalmente, realidades.

A história e a literatura cruzam-se principalmente pela importância do testemunho literário para a pesquisa histórica. Através de sua riqueza de dados, a literatura possibilita captar o cotidiano, o real de uma sociedade por meio de suas representações, auxiliando na análise historiográfica. A literatura entendida como uma mediação complexa e não como um simples reflexo da sociedade, em muito contribui para a compreensão dessa mesma realidade.

Além disso, enquanto testemunho, revela seus conflitos, muitos deles dissimulados guardando consigo toda essa potencialidade como fonte histórica.

Para pensarmos este processo de reformulação do conceito e métodos da história, através da literatura, as pesquisas realizadas por John Gledson, Sidney Chalhoub e Nicolau Sevcenko tornam-se indispensáveis por serem estes autores pioneiros em realizar estudos nesta temática. Vêem a literatura como uma fonte documental na medida que é um testemunho da sociedade que o produziu.

Partindo deste pressuposto, percebemos que o valor documental da literatura brasileira está relacionado com a perspectiva do pesquisador que deve saber discernir os significados ocultos, buscando elementos da realidade através da ficção. O romance utilizado como fonte pode conter verdades e inverdades sobre determinados fatos históricos. Portanto, para uma compreensão mais ampla, torna-se necessário analisar não somente a narrativa quanto o cenário construído pelo autor, a escritura, as relações do real no romance com a ficção: o autor, produção, o contexto histórico, político e social. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que ela representa.

Em razão da abordagem pretendida neste texto em relação à pesquisa histórica, não poderíamos deixar de nos referir à questão metodológica o historiador, ao se propor a analisar e interpretar documentos, deve estar atento ao que este representa. Mas nunca deve ser analisado do como expressão absoluta da realidade, e sim uma representação daquilo que de fato ocorreu. O historiador, ao analisar a obra literária, deve estar atento de que a obra é uma construção carregada de subjetividade que parte de uma determinada leitura do real, onde podemos encontrar a verdadeira intenção do autor e da obra.

A partir do diálogo entre literatura e história, pretende-se fazer uma análise da sociedade brasileira do século XIX, através da obra *Esaú e Jacó*² de Machado de Assis sob uma perspectiva política da história, correspondendo ao período abordado pela obra de 1870 até a data da publicação do romance 1904, período esse que nos possibilita fazer uma reflexão acerca dos primeiros anos do Brasil republicano, enfocando aspectos político e sócio-culturais.

Refletir sobre a questão política através da narrativa literária, que estabelece um diálogo entre literatura e história no sentido de refletir sobre os acontecimentos históricos por um viés metafórico, foi possível através da escola dos Annales, que tornou a pesquisa a

² ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. 2 ed. São Paulo, Ática, 1977.

histórica mais prazerosa. Uma vez que o estudo da história é tido como algo complexo, principalmente no que se refere a questões políticas, que se mostram de difícil compreensão. Neste aspecto ao intercambiar um romance, com um movimento político múltiplo de sentido, procuro refletir sobre as fontes históricas, e meios que se utilizam para se fazer estudos historiográficos.

Tais abordagens encontraram em muitos teóricos força e significações, fazendo com que o campo de discussão política e social se ampliem cada vez mais, pensando as relações sociais múltiplas do ponto de vista literário. Pretende-se explorar os aspectos políticos republicanos tendo como fonte documental a obra literária machadiana, *Esaú e Jacó* como expressão das representações políticas vividas no final do séc. XIX. E para focar o campo da história política Renné Rémond, é um teórico de grande importância, pois centra-se na defesa da história política, ressaltando sua importância para a compreensão do todo social, fazendo análise através de novos objetos como a literatura, através de um contato com a sociologia e a antropologia desenvolvendo a história da cultura política.

Segundo esse autor: *Política é uma das mais altas expressões da identidade coletiva, um povo se exprime tanto pela sua maneira de conceber, de praticar e de viver política quanto por sua literatura, sua cozinha e seu cinema. Sua relação com a política revela-o da mesma forma como seus outros comportamentos políticos.*³

A escolha da obra *Esaú e Jacó*, se deu devido ao fato dela conter referências que abordam questão do projeto republicano, por explorar um marco da história política do Brasil, ou seja, a transição de decadência da Monarquia e ascensão da República. Neste romance o autor trabalha de forma interessante através das personagens Pedro e Paulo, que têm preferências políticas diferenciadas (o primeiro é defensor da implantação da República, enquanto o segundo defende a continuidade do regime Monárquico). Assim nos proporciona uma análise histórica social do processo de transição, e por estar vivendo essas transformações ainda nos possibilita perceber quais eram as inquietações, e o que o povo esperava politicamente naquele momento, como se davam às relações políticas e como a sociedade enxergava tais transformações.

³ RÉMOND, Renné. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

Ao analisar a literatura o historiador parte do verossímil, ponto determinado entre o verdadeiro e o falso na modalidade imaginária do fato. Estes são selecionados e circunscritos pelas fontes de pesquisa documental e critérios da ciência, recompondo o tempo passado através da narrativa. É necessário fazer uma reflexão sobre seu objeto de forma autônoma e crítica, compreendê-lo e a sua relação com outros objetos, *quando escolhemos os nossos objetos, quando procuramos apreendê-los com uma ciência mais viva e mais alegre, não podemos fazer mais do que permitem os nossos meios, ou seja, nossa linguagem e pensamentos, conceitos e métodos.*⁴

Nesta perspectiva, pretende-se fazer um recorte do período a ser trabalhado que se inicia em 1870, com o manifesto do partido republicano, e o nascimento dos gêmeos Pedro e Paulo no romance *Esau e Jacó*, apontando a resistência para a mudança do regime e os processos de transformações para reurbanizar a primeira capital do Brasil, o Rio de Janeiro. Este período marca uma época, direcionando caminhos para a formação do país, no qual procura-se compreender as mudanças sócio-econômicas, políticas e culturais, ocorridas no Brasil.

Sandra Jathay Pesavento, ao trabalhar o imaginário, busca a história de Porto Alegre pela via literária das obras de Érico Veríssimo, e nos auxilia no sentido de que:

*Superada as divisões entre o real e não real, ou entre a objetividade do mundo social e a subjetividade das construções imaginárias, entende-se que tanto a literatura como a história corresponde a representações da realidade e busca, através da narrativa, oferecer uma leitura plausível e convincente dos fatos.*⁵

Através do trabalho de Pesavento percebe-se a viabilidade de se fazer uma re-leitura do Rio de Janeiro através da obra de Machado, onde o mesmo explora a estrutura urbana e social da cidade, aproximando o leitor deste cenário, conduzindo-o a passear pelas famosas ruas e bairros da cidade.

Machado de Assis é um narrador autor, que vivencia e descreve o seu tempo. Suas obras são utilizadas como veículo para compreensão de um período histórico conturbado, no

⁴ LE GOFF, Jacques. e NORA, Pierre. *História novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 132-144.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jathay. A Maldita Cidade. In: *Imagens Urbanas: Os Diversos Olhares na Formação do Imaginário Urbano*. Porto Alegre, Ed. da UFRS, 1ª ed. 1997.

qual se deu um movimento político e social que derrubou a monarquia. Sidney Chalhoub⁶, ao trabalhar a temática machadiana, faz uma análise contundente de suas obras, interpretando seus romances na tentativa de compreender as mudanças históricas do período, enunciadas e interpretadas por Machado de Assis, o que demonstra a importância de se utilizar obras literárias como fonte documental significativa para reflexão política, social e histórica das sociedades.

Este trabalho está estruturado a partir de duas questões: primeira terá como objetivo contextualizar historicamente o Brasil e de forma especial a cidade Rio de Janeiro, capital do país e berço da monarquia vigente na segunda metade do séc XIX, cenário dos grandes romances de um dos maiores escritores deste período, e responsável pelo desenvolvimento desta pesquisa, Joaquim Maria Machado de Assis.

Num segundo momento, procura-se refletir sobre uma análise da obra eleita, fazendo diálogo entre o contexto histórico apresentado e a literatura, tentando perceber o que Machado nos apresenta nas entrelinhas de seu romance. A partir destas convicções pretende-se analisar o romance *Esau e Jacó*, dialogando com a temática republicana, apresentando-a como uma das possibilidades de representação da sociedade e das relações cotidianas.

Acredita-se que este trabalho possa contribuir não só para perceber a viabilidade da compreensão da história a partir do uso de fontes diferenciadas, como também perceber as importantes contribuições que a literatura brasileira proporciona à história.

⁶ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

Primeiro Capítulo
VIRANDO VINTE: O RIO DE JANEIRO
E O CENÁRIO NACIONAL



O Rio de Janeiro no séc. XIX



Arraial de Canudos



Revolução Federalista

VIRANDO VINTE: O RIO DE JANEIRO E O CENÁRIO NACIONAL

Para entendermos o processo de implantação da república no Brasil é preciso reconstruir o cenário histórico em que ocorreu, pois este não pode ser entendido isoladamente, sem conhecer as principais circunstâncias históricas, política e sociais que a provocaram. A proposta deste capítulo é fazer uma abordagem acerca dos vários acontecimentos que resultaram na mudança de regime político no Brasil, enfocando a cidade do Rio de Janeiro que era a maior cidade do país e centro de desenvolvimento e, por isso, sentiu de forma mais intensa as mudanças nos aspectos políticos, sócio-culturais e econômicos, as quais vinham fermentando as últimas décadas de reinado do império, as quais vieram à tona e resultaram na abolição da escravidão e na proclamação da república no final séc. XIX. E ainda é de suma importância ressaltar ainda neste capítulo os primeiros anos que se seguiram após a proclamação seus ideais teórico e prático, os movimentos políticos e sociais que se opunham a esta república até o ano de 1904.

Sidney Chalhoub, ao fazer uma análise desta sociedade brasileira do séc. XIX abordando o aspecto político diz:

As políticas de dominação vigentes na sociedade brasileira do século XIX poderiam ser apropriadamente descritas como paternalistas. A característica comum a tais políticas de domínio (...) presente assim tanto nas estratégias de subordinação de escravos quanto de pessoas livres dependentes (...) era a imagem da inviolabilidade da vontade senhorial. O mundo era representado como mera expansão dessa vontade, e o poder econômico, social e político parecia convergir sempre para o mesmo ponto, situado ao topo de uma pirâmide imaginária. O paternalismo, como qualquer outra política de domínio, possuía uma tecnologia própria, pertinente ao poder exercido em seu nome: rituais de afirmação, práticas de dissimulação, estratégias de estigmatização de adversários sociais e políticos, eufemismo e, obviamente, um vocabulário sofisticado para sustentar e expressar todas essas atividades.⁷

⁷ CHALHOUB, Sidney. Diálogos Políticos em Machado de Assis. In *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (orgs). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p.95.

Toda a Europa já havia extirpado o trabalho escravo no final do séc. XIX. O Brasil foi um dos últimos países do mundo a abolir a escravidão negra, um país colonizado, sob o regime monárquico português, o qual insistia em permanecer no poder e tinha a escravidão como base de sustentação para este fim. No aspecto econômico, o café havia se tornado a grande esperança do império, mas os produtores se opunham às medidas políticas da Monarquia. Uma série de insatisfações econômicas, políticas e sociais, relacionadas à coroa portuguesa, fez surgir sucessivas revoltas por todo país, em busca de mudanças no regime político vigente.

Para que ocorresse o processo de implantação da república no Brasil foi necessário que houvesse uma série de movimentos e revoltas em várias províncias que compunham o país. Lutavam pelo separatismo, e foram violentamente combatidos pela força do império. Na província do Pará, por exemplo, ocorreu a revolta que ficou conhecida como Cabanagem (1835-1840). No final de 1833, o governo nomeou o político Bernardo Lobo de Souza presidente do Pará. Este usou da repressão para impor sua autoridade na província, o que fez crescer contra si a oposição local. Líderes como o padre João Batista Gonçalves Santos, e fazendeiros da região, armaram uma conspiração contra o governador.

Em janeiro de 1835, o governador foi assassinado. Os rebeldes ocuparam a cidade de Belém e formaram um governo revolucionário presidido por Malcher, que defendia a criação, no Pará, de uma república separatista. Entretanto, o novo governador mantinha estreita relações com outros proprietários locais e decidiu permanecer fiel ao Império.

Por isso, o movimento radicalizou-se. Líderes populares, como Antônio Vinagre e Eduardo Angelim, refugiaram-se no interior da província, em busca do apoio das populações indígenas e mestiças. Foram então as pessoas pobres, que moravam em cabanas, que assumiram a luta pela independência do Pará. Os Cabanos ocuparam Belém e criaram um governo republicano, desligado do restante do Brasil.

Mas o isolamento da província e as epidemias e a falta de recursos enfraqueceram os revoltosos, que não tiveram condições de resistir à esquadra imperial que, em pouco tempo, dominou o porto de Belém. Enquanto a cidade era saqueada e incendiada, tropas do governo, auxiliadas pelos grandes proprietários locais, percorriam os vilarejos do interior à cata de rebeldes. Ao cabo de cinco anos de guerrilhas, mais de 30% da população paraense (estimada na época de cem mil habitantes) foi dizimada.

Um outro movimento de grande expressão política e econômica, ocorreu no Rio Grande do Sul, a Guerra dos Farrapos* (1835 – 1845). Em recente produção, a rede Globo de televisão retratou a importância e a dimensão deste movimento na mini-série **A Casa das Sete Mulheres**⁸, de **Maria Adelaide Amaral e Walter Negrão** que se inspiraram no romance de **Letícia Wierzchowski**.

Na província do Rio Grande do Sul, a criação de gado era a base da economia. O charque (carne salgada) era consumido em todo o país e o couro dos animais, exportado para a Europa. Os estancieiros gaúchos sofriam, porém, a concorrência dos países como (Argentina e Uruguai), que produzindo carne com mão-de-obra livre, a vendiam por preços mais baixos, como a mão de obra escrava. O governo do Rio de Janeiro hesitava em adotar medidas protecionistas a favor dos criadores brasileiros, a defender idéias separatistas. Em 1834, a aprovação de um novo aumento de impostos para a província gaúcha determinou o início da rebelião. Assim, os estancieiros, liderados pelo coronel Bento Gonçalves, depuseram o presidente nomeado pelo governo central, ocuparam Porto Alegre e proclamaram a República Rio-Grandense.

Bento Gonçalves foi preso pelas forças imperiais e enviado para Salvador. Mas conseguiu fugir da prisão e retornou à sua província natal, onde assumiu a presidência. A luta federalista prosseguiu, incorporando os peões das fazendas, escravos e homens livres, fiéis aos seus patrões. Liderados pelo italiano Giuseppe Garibaldi, (um revolucionário que havia sido exilado de seu país de origem, Itália por liderar rebeliões), os rebeldes atacaram Santa Catarina, em 1839, e proclamaram a República Juliana. O nome deveu-se ao fato de a república ter sido proclamada no mês de julho.

A pacificação do Rio Grande do Sul só começou a se tornar possível em 1842, quando o barão de Caxias, Luís Alves de Lima e Silva, assumiu a presidência do Rio Grande do Sul e empenhou-se em negociar com os estancieiros. O acordo de paz foi assinado em 1845, garantindo liberdade aos escravos que participaram das lutas, assim como a devolução das terras confiscadas aos fazendeiros gaúchos.

* O movimento ficou conhecido por este nome porque seu exército não tinha uniformes adequados para a luta e suas roupas comuns eram quase sempre velhas e rasgadas.

⁸ CASA das sete mulheres, produção de Maria Adelaide Amaral e Walter Negrão. Baseado no romance homônimo de Letícia Wierzchowski. Direção de Jaime Monjardim e Tereza Lampreia: Produção Rede Globo, 2.003 (52 Capítulos.) Drama. som, color. Port.

Já Revolução Praieira ocorreu logo ao término da Guerra dos Farrapos. A última das rebeliões provinciais, ocorreu em Pernambuco (1848), retomando a instabilidade, aparentemente superada com a derrota dos "balaíos" no Maranhão, dos levantes liberais de 1842 e com a contenção da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul.

A Revolução Praieira foi o desfecho de um longo ciclo revolucionário pernambucano, ficando a região enquadrada, a partir de então, à ordem política imperial.

O nome do movimento devia-se ao fato de o jornal divulgador dos ideais dos revoltosos, o *Diário Novo*, ter sua sede na rua da Praia. Nesse jornal, os rebeldes publicaram o "Manifesto ao mundo", escrito por Borges da Fonseca, no qual apresentavam suas principais reivindicações: voto livre e universal, liberdade de imprensa, garantia de trabalho, nacionalização do comércio (que estava em mão de portugueses), abolição do trabalho escravo e instauração da República. Contavam com o apoio de alguns senhores de engenho ligados ao Partido Liberal, e entre seus principais líderes encontrava-se o **capitão Pedro Ivo** e o intelectual e socialista utópico **general Abreu e Lima**, que pregava a divisão de fortunas.

A rebelião foi derrotada em 1850 pelas tropas governamentais, e nos dois anos seguintes toda a região estava pacificada. Sufocadas as insatisfações e conciliados os interesses da elite dominante, foi possível ao governo de D. Pedro II viver seu período de apogeu, propiciando o desenvolvimento de um novo setor da economia exportadora nacional: o café.

A Guerra do Paraguai em 1870, em muito fortaleceu os ideais republicanos. Com a pretensão de criar o "Paraguai Maior", seria necessário anexar, regiões da Argentina, do Uruguai e do Brasil (como Rio Grande do Sul e Mato Grosso). Assim o Paraguai obteria, acesso ao Atlântico, tido como imprescindível para a continuação do progresso econômico do país.

A expansão econômica paraguaia, contudo, prejudicava os interesses ingleses na região, na medida em que reduzia o mercado consumidor paraguaio para seus produtos. Havia, ainda, a ameaça de que o país eventualmente se transformasse em exportador de manufaturados ou que seu modelo de desenvolvimento autônomo e independente pudesse servir de exemplo para outros países da região. Dessa forma, a Inglaterra tinha sólidos interesses que justificavam estimular e financiar uma guerra contra o Paraguai.

Usando como pretexto a intervenção brasileira no Uruguai e contando com um exército bem mais numeroso que o do oponente brasileiro, Solano López tomou a ofensiva ao romper relações diplomáticas com o Brasil, em 1864. Logo depois, como medida complementar, ordenou o aprisionamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda*, no rio Paraguai, retendo, entre seus passageiros e tripulantes, o presidente da província do Mato Grosso, Carneiro de Campos. A resposta brasileira foi a imediata declaração de guerra ao Paraguai.

Em 1865, mantendo-se na ofensiva, o Paraguai havia invadido o Mato Grosso e o Norte da Argentina, e os governos do Brasil, Argentina e Uruguai criaram a **Tríplice Aliança**. Apesar de as primeiras vitórias da guerra terem sido paraguaias, o país não pôde resistir a uma guerra prolongada. A população paraguaia era muito menor que a dos países da Tríplice Aliança e, por maior que fosse a competência do exército paraguaio, a ocupação militar dos territórios desses países era fisicamente impossível, enquanto o pequeno Paraguai podia ser facilmente ocupado pelas tropas da Aliança. Finalmente, Brasil, Argentina e Uruguai contavam com o apoio inglês, recebendo empréstimos para equipar e manter poderosos exércitos. Contraindo assim a tão famosa dívida externa.

Mas é após a Guerra do Paraguai, em 1870, que a opinião pública se mobiliza em torno dos ideais republicanos. Políticos, intelectuais e profissionais liberais lançam no Rio de Janeiro o Manifesto Republicano, o qual visava defender um regime presidencialista, representativo e descentralizado, aumentando as contradições ao regime imperial, iniciando uma maior movimentação para a implantação da República. Pois o império mostrava-se incapaz de resolver os problemas nacionais, comprometendo assim sua estabilidade.

Surge em 1873, o Partido Republicano Paulista com a proposta básica de defender os princípios e ideais republicanos e assim, como em São Paulo os ideais republicanos foram formando partidos e ganhando forças, em outras províncias importantes, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Enquanto São Paulo lutava por uma república, em 1870, o Rio de Janeiro era a capital do país. Cidade que abrigava a família real e a sede do governo oligárquico. Além do maior porto do território, área de grande concentração urbana, predominantemente negra e centro da vida política nacional. Com um padrão de comportamento que molda o séc. XIX.

Mas o Rio de Janeiro apresentado por Luiz Felipe de Alencastro⁹ que faz um estudo sobre o Brasil do séc. XIX, mostrando o cotidiano dos negros escravos, e as precárias condições em que viviam, as péssimas estruturas de saneamento básico e os contrastes existentes faltava água potável, rede esgoto (os dejetos eram carregados em grandes baldes pelos escravos e jogados nas praias). As febres eram intermitentes, os surtos de cóleras e varíola e vários tipos de pestes fustigavam o Império.

Falar do séc XIX sem se referir à escravidão é impossível, pois ela é um importante elemento causal das mudanças ocorridas neste período, uma vez que o poder do regime vigente no país, a Monarquia, que tinha a escravidão como um dos seus principais pilares de sustentação, se desestrutura a partir do momento em que iniciam as revoltas e movimentações acerca da abolição da escravidão. A burguesia sentindo-se ameaçada e pressionada pelas revoltas dos negros e pelos movimentos abolicionistas, é obrigada a rever a estrutura de poder de forma em que seus interesses não fossem prejudicados, forjando assim lei do ventre livre, a qual legislava que todo filho de escravo que nascesse a partir 1871 seria livre. O movimento vai ganhando força e notoriedade com as movimentações nos Quilombos, conquistando abolicionistas com grande expressão política como Joaquim Nabuco, até que a monarquia ancorada na escravidão não consegue mais suportar após a abolição da escravidão e vem abaixo em 15 de novembro de 1889. E a República é proclamada, com o Marechal Deodoro da Fonseca Presidente e Marechal Floriano Peixoto Vice-Presidente, o Ministério foi composto por:

- Aristides Lobo, ministro do Interior;
- Campos Sales, ministro da Justiça;
- Rui Barbosa, ministro da Fazenda;
- Quintino Bocaiúva, ministro das Relações Exteriores;
- Demétrio Ribeiro, ministro da Agricultura, Comércio e obras Públicas;
- Benjamin Constant, ministro da Guerra;
- Eduardo Wandenkolk, ministro da Marinha.

As principais medidas estabelecidas por esse governo foram:

- Banimento da família imperial, que deixou o Brasil na madrugada do dia 17 de novembro;

⁹ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Vida Privada e Ordem Privada no Império*. In História da Vida Privada no Brasil 2. Cia das Letras

- Escolha do regime federativo republicano de governo;
- Transformação das antigas províncias em Estados;
- Subordinação das Forças Armadas ao novo governo;
- Determinação de que o Rio de Janeiro seria provisoriamente a sede do governo federal;
- Abolição da vitaliciedade senatorial;
- Extinção do Conselho de Estado;
- Dissolução da Câmara dos Deputados e do Senado;
- Reconhecimento dos compromissos assumidos pelo governo imperial;
- Criação da bandeira republicana;
- A grande naturalização, ou seja, a cidadania brasileira para todos os estrangeiros residentes no Brasil, que assim desejassem;
- Convocação de uma Assembléia Constituinte, para elaborar uma nova Constituição;
- Separação entre a Igreja e o Estado e instituição do casamento civil;
- Reforma do Código Penal.

Quando a república é proclamada, a burguesia se sobressai pois estava baseada no trabalho assalariado e num sistema político de caráter republicano. E o fim da escravidão propicia o avanço político da burguesia, a qual estava ligada ao capital internacional, e requeria mudanças tanto no meio sócio econômico quanto cultural para a consolidação da unidade global do mercado capitalista. Tais mudanças desestabilizaram as estruturas do país que não conseguia abrigar os ex-escravos, não havia lugar para ele, simplesmente devolvê-los não podiam. Cria-se, neste período, a ideologia de que o negro não tinha qualificação ideal para o trabalho, que era preguiçoso e incapaz, e o negro continua vítima do preconceito, e maus tratos da sociedade, a qual se recusa inseri-lo no processo de mudanças sócio-econômicas.

Nos primeiros anos da república houve um crescimento populacional considerável devido à abolição que lançou os libertos no mercado de trabalho livre, a proliferação da cafeicultura no estado do Rio e a imigração estrangeira. Esse rápido crescimento populacional ocasionou num acúmulo de pessoas em ocupações mal remuneradas e sem renda fixa, trabalho ilegal contribuindo assim para a formação de classe potencialmente perigosa em prostitutas, ciganos, ambulantes engraxates, carroceiros, floristas jogadores dentre outros. Todo esse crescimento teve impacto sobre as condições de vida agravando os problemas de habitação,

abastecimento de água, saneamento básico e de higiene, que foram se agravando de maneira dramática fazendo com que no início da república houvesse o mais violento surto de epidemias da história. Varíola, febre amarela, tuberculose e malária foram os piores males que afligiam a população carioca.

Uma série de transformações mudou a realidade de um ritmo lento e compassado para uma considerável velocidade, que alterou hábitos e costumes do cotidiano das pessoas. Neste sentido, Nicolau Sevcenko observou as transformações nas estruturas urbanas ocorridas.

*Esse conjunto de transformações gerou um amplo processo de desestabilização da sociedade e cultura tradicionais, cujo sintoma mais nítido e mais excruciante. Pelos custos implicados no desejo das novas elites de prover a modernização a qualquer custo.*¹⁰

Através de sua obra, percebemos as revoltas se deram em várias regiões do país, no Rio, por exemplo, que era a vitrine do país, e o principal porto de importação e exportação, e precisava ser modernizada e acompanhar o processo de modernização europeu. E para isso o governo da cidadania carioca trouxe da Europa o engenheiro Lauro Muller (reforma dos portos), que juntamente com **Oswaldo Gonçalves Cruz**¹¹ e Pereira Passos (engenheiro urbanista), tinham total liberdade para tomar as decisões que fossem necessárias para que fosse feita a reurbanização da cidade, que se iniciou pelo centro da cidade com um “bota abaixo” na população pobre e de ex-escravos que viviam nos antigos casarões no centro da cidade que tinha ruas estreitas e desorganizadas. Essa população que tem suas casas desapropriadas foi expulsa para as margens da cidade sem nenhuma indenização, onde se instalou como pode. A população pobre se viu obrigada a acumular-se pelos morros da cidade e nas partes periféricas onde construíram barracos de lata, lona ou o que estava em suas condições, sem nenhuma infra-estrutura física, geográfica disseminando assim as favelas.

A burguesia para expulsá-los de vez da cidade de tudo fez, pois a presença destes pobres e ex-escravos era motivo de vergonha, contrapunha-se aos ideais de ordem e progresso. Fez parte também deste processo, o projeto do sanitarista Dr. Oswaldo Cruz que, juntamente

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. "História da Vida Privada no Brasil 3". República: da Belle Époque à Era do Rádio. In. Introdução. Prelúdio Republicano, Astúcias da Ordem e Ilusões do Progresso. (pp.7-48)

com a elite local, desencadearam uma campanha maciça com pretexto de exterminar com a varíola, colocaram batalhões da vigilância sanitária que invadiam as casas para vistoriá-las, e vacinar os moradores, caso encontrassem algum risco, o que era mais comum, seus barracos eram mais uma vez demolidos. Isso gerou uma grande revolta nas massas que passaram a enfrentar brutalmente os batalhões, sendo percebidos pela elite como ignorantes ao se negarem a ser vacinados, inviabilizando assim o progresso do Rio de Janeiro. Esta movimentação contra a violação de direitos civis e humanos ficou conhecida como a **Revolta da Vacina**, que explode em 9 de outubro de 1904, quando é aprovada a lei que torna a vacinação obrigatória. Repartições públicas são depredadas, lojas saqueadas e bondes incendiados. A população levanta barricadas em diversas ruas do Rio. A reação do governo foi imediata, controlando violentamente a rebelião popular.

A Avenida Rio Branco é uma das marcas desta urbanização, construída de acordo com os padrões parisienses, passou a ser freqüentada somente por pessoas da elite, que usava traje apropriado para andar por essa rua moderna.

O próximo passo para a modernização foi uma tentativa de clareamento da população que era, em sua maioria, constituída por negros libertos pela abolição, mas ainda hoje percebemos que esta não foi bem sucedida, mas contribuiu para miscigenação do povo brasileiro, através da imigração de europeus. A burguesia criou uma ideologia política de que o Brasil era um país em formação e promissor no setor financeiro principalmente pelo crescimento econômico no setor da industrialização para atrair o estrangeiro, mas essa propaganda acarretou numa grande imigração de europeus, transformando o padrão demográfico e cultural do país.

Essa modernização foi bem representada pelos ricos fazendeiros de café, os quais não pouparam esforços econômicos para investir no destino da república recentemente implantada e que em muito os favoreciam no setor econômico e financeiro. Com a necessidade de aplacar os cafeicultores, e atender uma demanda de moedas para o pagamento de salários, o governo passou a emitir dinheiro aceleradamente. Há ainda, neste período, o **Encilhamento**¹², que foi

¹¹ OSVALDO GONÇALVES CRUZ (1872-1917), cientista, médico e sanitarista é o pioneiro da medicina experimental no Brasil. Em 1896 faz estágio no Instituto Pasteur, em Paris. Volta ao Brasil três anos depois e organiza o combate ao surto de peste bubônica registrado em Santos, São Paulo, e em outras cidades portuárias.

¹² Encilhamento (1890-1891): (denomina-se por encilhamento, por fazer uma alusão ao lugar do hipódromo onde são feitas as apostas nos cavalos). Foi o primeiro e um dos mais graves baques financeiros que o Brasil sofreu, momento em

uma política monetária de Rui Barbosa, na qual o país foi dividido em quatro zonas Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, e um banco emissor é instalado em cada uma. Seu objetivo é atender às novas necessidades financeiras, expandir o crédito e estimular a criação de novas empresas nessas regiões. O resultado, porém, é desastroso. A emissão de moedas sem controle acelera a inflação, prolifera as atividades especulativas, empresas fantasmas com grandes planos irrealizáveis supervalorizam suas ações na Bolsa de Valores em uma orgia especulativa que faz surgir grandes fortunas da noite para o dia. Ocasionalmente numa especulação que fazia e desfazia milionários nos anos de 1890, a lei era enriquecer a todo custo com dinheiro de especulação. As conseqüências vieram logo em seguida, encarecimento dos produtos importados devido ao aumento da demanda e o consumo dos novos ricos. Essa alta demanda ocasionou numa inflação generalizada, contribuindo para o agravamento do custo de vida, uma vez que o salário não acompanhou o aumento dos preços, houve uma contenção de gastos que se iniciou na redução de empregados e como havia uma ampla oferta de mão-de-obra o salário do trabalhador fora reduzido. Esta crise se agrava ainda mais com a queda dos preços do café, e o país entrou uma fase de deflação e recessão econômica.

Ao fazermos uma análise de todos estes acontecimentos percebemos que o fato de a república ter conseguido ser implantada não significou que os problemas haviam sido eliminados. Ao contrário, a mudança de regime trouxe consigo uma série de problemas em especial os aspectos políticos, econômicos e sociais, os quais foram se agravando nos primeiros anos de república e junto com estes problemas teve que enfrentar uma série de movimentos que resistiam a essa forma de governo ou a prática que estava sendo posta. Motins militares, rebeliões armadas, guerras civis e levantes populares são constantes em toda a Primeira República em sua fase de consolidação. A oposição congrega desde liberais radicais, que exigem maior democratização do Estado, até monarquistas que não aceitaram a República, o que ocasionou na Revolta da Armada, na Revolução Federalista entre outros.

Consolidado o regime, as rebeliões surgem das disputas entre as oligarquias regionais pelo controle do poder. Há levantes de setores populares marginalizados como a Guerra dos Canudos (1839 a 1897), que ocorreu no sertão da Bahia, durante o governo de Prudente de Moraes. Um movimento de protesto social dos pobres, sertanejos, liderados por Antônio

que, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, milhares de pequenos investidores perderam tudo depois de terem

Mendes Maciel, conhecido como **Antonio Conselheiro**. Este faz sermões contra a República e diz que o novo regime piora as condições de vida da população pobre – daí sua fama de monarquista. Com seu grupo, arranca e queima os editais que anunciam a cobrança de impostos. Daí em diante, mantém conflitos constantes com as autoridades civis e religiosas. Proibido pela Igreja de fazer pregações, pois as autoridades eclesiásticas alegavam que este líder utilizava as questões religiosas para manipular o povo, perseguido pela polícia, por pregar contra a república, ainda incentivava a população a não pagar tributos sobre a terra e sua produção, como objetivo implantar uma república separatista. A notícia de que as tropas do governo haviam sido ameaçadas por seus fiéis e seguidores fizeram com que as autoridades e a própria população dos grandes centros urbanos, particularmente do Rio de Janeiro, visse naquilo a mão ardilosa dos monarquistas.

Antônio Conselheiro e seus seguidores internam-se no sertão. Fundam no Arraial de Belo Monte ou Canudos à margem do rio Vaza-barris, no interior da Bahia, um misto de comunidade primitiva e acampamento militar. A fama de que o arraial é santo espalha-se, atraindo milhares de devotos e pessoas pobres que procuravam fugir da miséria, do poder dos coronéis, e ir em busca uma vida melhor. A população de Canudos vivia num sistema comunitário: os produtos das atividades agrícolas e pastoris de subsistência eram repartidos entre todos; não haviam impostos, nem força policial, mas essa experiência de vida alternativa era uma ameaça à ordem vigente. O governo federal mobilizou-se contra Canudos. As três primeiras expedições foram derrotadas pelos sertanejos do Arraial, os quais não possuíam estratégias de guerra, mas lutavam como podiam pra defender a si próprio e ao povoado, eram favorecidas nas questões geográficas e nas condições climáticas, estas dizimaram uma boa parte das tropas do governo. Porém, em 1897, o Exército enviou oito mil homens fortemente armados (inclusive de canhões), foi um massacre, nos últimos instantes da guerra restava apenas um velho, uma criança e um homem muito ferido que continuaram a lutar até fim. Não restou um só membro do arraial, A saga de Canudos foi narrada por **Euclides da Cunha**¹³ no livro Os Sertões, o qual Sérgio Rezende realizou um ótimo filme

apostado alto nas expectativas de bons negócios falsamente criadas.

¹³ Euclides da Cunha: Jornalista enviado a Canudos juntamente com as tropas do governo para informar as notícias diárias da guerra.

Guerra de Canudos¹⁴ onde percebemos que Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo de seus integrantes.

Aos olhos da opinião pública da capital federal e da maioria das cidades brasileiras, a dura repressão imposta pelas autoridades a Canudos foi legítima e necessária, para defender a República recém-proclamada e acabar com o movimento.

Floriano Peixoto, Marechal do Exército, eleito Vice-presidente da República no período de 1891 a 1894, mas que passou a exercer a Presidência na renúncia do Marechal Deodoro da Fonseca (amigo pessoal de D. Pedro II), teve questionada sua legitimidade para assumir o controle do novo regime político. A oposição acusava-o, ademais, de ser defensor da monarquia. Sua atuação, contudo, não demonstrou que tentava restaurá-la. Com a aprovação de uma lei sobre a responsabilidade do Presidente da República, provavelmente preparando o caminho para um impeachment, Deodoro resolveu atacar o Congresso: em 3 de novembro de 1891 dissolvia-o, malgrado não ter poderes constitucionais para isso e, confiado no Exército, proclamava estado de sítio.

Assim, Floriano Peixoto assume o posto de Major-General. Ao assumir a Presidência da República suas primeiras providências foram: levantar o estado de sítio, em que se encontrava o Rio de Janeiro, decretado por Deodoro, e revogar o ato do parlamento. Ordenando que a Assembléia se reunisse urgente, tais medidas acalmaram o ânimo do povo.

O país que se achava sossegado, com o desejo de não criar obstáculos para o governo, subitamente insurge contra Floriano, quando este nega a assinar um Decreto do Congresso, relativo a eleição para Presidente da República, e o não cumprimento das promessas feitas, ocasionou num descontentamento do povo registrando-se motins, que só conseguiram ser vencidos e sufocados, por meios de violência. Contudo as insatisfações continuaram; as Assembléias elegeram Prudente de Moraes novo Presidente do Brasil, não conseguindo por fim ao estado de ânimo do país, continuando a inquietação e críticas até o final do mandato de Floriano. De temperamento bravio e altruístico, o conhecido Marechal de Ferro, foi substituído em 5 de Novembro de 1894, na Presidência da República, por Prudente de Moraes.

Ocorreu também no seu governo uma insatisfação das forças armadas conhecida como a Revolta da Marinha (1893 – 1895), quando a cúpula da Marinha rebela-se e exige a deposição de Floriano, liderada pelo contra-almirante Custódio José de Melo e tem o apoio do

¹⁴ Guerra de Canudos. Direção de Sérgio de Rezende, 1997.

almirante monarquista Luís Felipe Saldanha da Gama. As tropas rebeldes de várias partes do país desembarcam em Niterói e tentam cercar a Capital. São derrotadas pelas forças legalistas. Saldanha da Gama e mais 525 revoltosos buscam asilo nos navios portugueses Mindelo e Afonso de Albuquerque, atracados na baía de Guanabara.

O incidente provoca o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, reatadas apenas em 16 de março de 1895, já no governo de Prudente de Moraes. E simultânea a revolta da Marinha ocorre a Revolução Federalista (1893 - 1895), fazendo eclodir uma guerra civil no Rio Grande do Sul. Provocada pelo autoritarismo e excesso de centralização do presidente do Estado, Júlio de Castilhos, um republicano histórico que tem o apoio de Floriano e governa com mão-de-ferro.

Os aliados de Castilhos são chamados de "pica-paus" ou "chimangos", herdeiros políticos dos liberais moderados, como o senador Pinheiro Machado que, desde o Império, comanda a política no Rio Grande do Sul. A oposição, os maragatos, é formada pelos federalistas adeptos do sistema parlamentar. São liderados por Gaspar da Silveira Martins, um ex-monarquista, por Gumerindo Saraiva e pelo general João Nunes da Silva Tavares. Os revoltosos têm o apoio da Marinha, rebelada contra Floriano e o movimento tem nítido caráter antigovernista.

Os enfrentamentos armados duram dois anos. Em 10 de julho de 1895, no governo de Prudente de Moraes, é feito um acordo de paz: o governo central garante o poder a Júlio de Castilhos e o Congresso anistia os participantes do movimento revolucionário. No entanto percebemos que as transformações políticas e os abalos sofridos pela capital federal repercutiu por todo país.

E percebendo todo esses acontecimentos envolvendo a cidade do Rio de Janeiro Machado de Assis faz da história o cenário direto de romances em especial a obra *Esau e Jacó*. Neste romance, o autor faz uma reflexão dos acontecimentos que cercam a queda da Monarquia querendo com isso assinalar a mudança do nosso regime imperial em republicano, suas transformações sociais, econômicas, culturais e políticas, operadas de forma mais intensa no período abrangido pelo romance.

Ao eleger esta obra de cunho histórico literário como fonte de pesquisa, percebe-se que a história se compõe através da leitura dos fatos ocorridos, ou melhor, a realidade objetiva, o autor narra o que está acontecendo no momento em que vivencia, fazendo com que a

objetividade perdure, e com o passar do tempo se torna produto da realidade subjetiva, a qual nos possibilita diferentes interpretações da realidade antes descrita.

Segundo Capítulo

Esau e Jacó: Uma Abordagem Histórico-Política da Virada do Século

A OBRA ESAÚ E JACÓ



Machado de Assis

Esau e Jacó: Uma Abordagem Histórico-Política da Virada do Século

Antes de adentrarmos neste capítulo e fazer uma análise da obra *Esau e Jacó*, é importante apresentarmos o autor, pois é fundamental conhecer o meio social em que está inserido de forma ampla para poder definirmos sua posição na sociedade, no momento em que está sendo narrado o romance que, de forma direta ou indireta, o meio o influencia e isso é transcrito. Como Geoges Duby nos apresenta:

... Fomos descobrindo que a objetividade do conhecimento histórico é um mito, que toda a história é escrita por um homem e que quando esse homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio; (...) o que ele enuncia, quando escreve história, é o seu próprio sonho; (...) o que é o acontecimento? É alguma coisa que existe porque se fala dele.¹⁵

Nicolau Sevchenko, também ressalta importância da influencia da vida e do meio em que o autor esta inserido.

... O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e as sociedades estão centradas evidentemente na figura do escritor que faz uma análise que pretende abranger, esse três níveis deve se voltar com maior atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporam no exercício do seu papel em cada período...¹⁶

E Joaquim Maria Machado de Assis fala de seu tempo e dos fatos por ele vivido. Nasceu no dia 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento na cidade do Rio de Janeiro. Filho de Francisco de Assis e Maria Leopoldina. Ainda muito jovem perdeu sua mãe, pouco tempo depois seu pai se casou novamente com Maria Inês, que o ensinou a ler e tentou convencer seu pai a lhe colocar na escola.

¹⁵ DUBY, Geoges et al. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986. p. 7 e 12

¹⁶ SERVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.246.

Em 1851 morre seu pai. Maria Inês então se emprega como cozinheira no Colégio de São Cristóvão e, nas horas vagas, faz balas para o jovem Joaquim vender nas ruas. Trabalhou como coroinha na igreja de Lampadosa com aproximadamente 15 anos de idade.

Começou a trabalhar como ajudante de padaria e a proprietária Sra. Gallot, que simpatizando com o menino lhe ensina o idioma francês. Com esse conhecimento, mais tarde traduziria obras da literatura francesa.

Nos intervalos do trabalho, passeia pelas ruas e demora-se espiando as vitrinas de livrarias, entre elas, a da livraria e tipografia de Francisco de Paula Brito, que um dia o convida a entrar e lhe dá o emprego de aprendiz de tipógrafo. Junto com o emprego, vem a oportunidade de estrear como poeta, publicando no jornal *A Marmota* o seu primeiro poema.

Em 1856 deixa Paula Brito, e na esperança de uma ascensão profissional emprega-se na Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. O diretor do jornal era Manoel Antônio de Almeida, de quem se tornaria amigo e discípulo.

Baseado nos diálogos com Manuel Antônio de Almeida nos debates do círculo de *A Marmota*, e nas aulas de gramática e conhecimentos com o Padre Silveira Sarmento, em 1858 Machado publica o ensaio *O Passado, o Presente e o Futuro da Literatura*, marco nacional de uma atividade crítica que se prolongaria até 1879.

Ainda em 1858, Machado começa a colaborar no *Paraíba*, jornal de Petrópolis, e volta à firma Paula Brito na função de revisor de provas, depois vai para o *Correio Mercantil*, exercer a mesma função que exercia na Paula Brito. Nesse mesmo ano, funda a revista *Espelho* com Eleutério de Sousa onde começa sua carreira de cronista. Em 1860 assume uma vaga de redator no *Diário do Rio de Janeiro*. Jornal no qual trabalhou assumindo uma posição mais determinada e combativa do que tivera anteriormente era redator do noticiário e repórter do senado, Lúcia Miguel Pereira realizou um trabalho abordando esse período da vida de Machado de Assis fazendo uma análise deste jornal do qual diz:

“Jornal admirável esse Diário do Rio, bem impresso, bem redigido, com ótima colaboração. Não espanta que fosse bem redigido: os anúncios, as pequenas notícias, os fatos diversos eram escritos ou corrigidos por Machado de Assis, cujo estilo, já nesse tempo, se distinguia por nítido e limpo”.¹⁷

¹⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*, 6ª ed., Belo Horizonte: Edusp, 1988 pp.74-75

Ao conhecer Carolina Augusta Xavier de Novais, uma portuguesa de 23 anos, logo se apaixonou e a amou até o fim de seus dias. Casaram-se em 12 de novembro de 1869. Carolina torna-se a companheira, enfermeira e secretária, cuidando de sua saúde (Machado era epilético), e o ajudando na revisão de seus manuscritos: corrigindo seus eventuais erros gramaticais e sugerindo modificações.

Em novembro de 1898 é reincorporado como Secretário do ministro da Viação. Machado fez carreira no funcionalismo público: foi oficial-de-gabinete, de ministro e diretor de órgão público. Em 1889, ano da Proclamação da República, dirigia a Diretoria do Comércio.

Em 1903 Carolina mostra sinais de estar doente. No dia 20 de outubro de 1904, com 35 anos de casamento e nenhum filho, Carolina morre. Nesse mesmo ano, Machado publica *Esau e Jacó*.

Em 1907 começa a escrever Memorial de Aires (autobiografia de sua vida com Carolina), que só seria publicado em julho do ano seguinte. Mas na madrugada de 29 de setembro de 1908, faltando quinze minutos para as quatro horas, morre Machado de Assis. O corpo matéria se foi, mas Machado de Assis se tornou um imortal, por ser um dos maiores clássicos da literatura brasileira.

Embora seja um simpatizante do regime monárquico, Machado foi mestre e expositor arguto da política de dominação deste regime paternalista, como podemos perceber através da forma como ele trabalha afetuosamente seus personagens defensores ou mesmo simpatizantes do império. O autor é sutil, mas não deixa de reconhecer as falhas e os entraves no campo social, político, cultural e econômico que este regime instaurou no Brasil. E uma de suas insatisfações com o império era a relação escravocrata, ele foi uma importante voz para o processo abolicionista.

Ao fazermos uma reflexão de análise da obra literária enquanto uma fonte historiográfica utilizamos o estudo de Cristiane da Silveira que faz um cruzamento entre a história e a literatura, segundo a autora:

Há na produção literária, um universo muito rico de vestígio para a interpretação de seu momento histórico que não se esgota na palavra escrita, mas transcende-a, rumando em direção ao campo das representações, as quais se fazem no cotidiano dos mais variados sujeitos. Todo testemunho histórico, independente de ser

*um documento oficial ou uma obra de arte possui consigo significações que serão entendidas quando devidamente analisada sua relação com o contexto histórico no qual o objeto foi produzido, revelando as lutas que a vitória de determinado "projeto de cultura" deixaram cravadas, trazendo, assim, a representação de seu grupo social.*¹⁸

Neste sentido, ela faz uma análise sobre as obras de Lima Barreto, que muito contribuiu para essa pesquisa, repassando segurança e viabilidade para prosseguir. E John Gledson que faz um estudo analisando os romances de Machado de Assis demonstra que *Esauí e Jacó* tem uma coerência no desenvolvimento, e que seu enredo e o ponto de vista narrativo são resultados lógicos do período histórico com o qual está relacionado ou pelo menos com a visão de Machado desta história. Esse autor afirma que:

*O material histórico do romance (que é, naturalmente, bastante considerável) não pode ser minimizado como mero cenário, é necessário ter cuidado com o papel preciso da História e da política no romance, porque existe uma considerável tentação de ser excessivamente exclusivista ao interpretar o romance. Neste romance os acontecimentos símbolos, nomes e alegóricos que se relacionam com a política são tão numerosos a ponto de se tornarem inescapáveis.*¹⁹

E nesta perspectiva, e com base em grandes teóricos como John Gledson que demonstra o papel considerável da visão de Machado sobre a história do Brasil, e trabalhos bem elaborados como o da Cristiane da Silveira, que surgiu a idéia dessa discussão do segundo capítulo, percebendo no romance um rico teor histórico e político, a ser melhor compreendido. Indagando sobre como Machado de Assis viu e registrou neste romance tais acontecimentos a cerca da implantação da República no Brasil em 1889.

Após termos nos situado através de um contexto histórico, podemos fazer uma reflexão acerca do romance *Esauí e Jacó*, a escolha deste romance de Machado de Assis, se deu por se diferenciar das suas demais obras e conter as questões políticas como enredo central, e por ser este o único romance que vai além de 1889, e toda a visão que traz de política e história é condicionada por este fato.

¹⁸ SILVEIRA, Cristiane da. *O Alvorecer da República sob o Olhar Interpretativo de Lima Barreto*. Dissertação de mestrado. Uberlândia – MG, 2004. p.16

¹⁹ GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986 p.169

Este romance é escrito em 1904, quando a monarquia já havia sido derrubada e a república se consolidava em seus primeiros anos. Talvez este distanciamento do ato da Proclamação da República se torne mais interessante por trazer uma visão mais apurada do ocorrido, ou seja, um balanço geral dos fatos ocorridos. Machado tem consciência de que a causa de todo desnorteamento político contido no romance vinham sendo remontados em um período anterior a 1871 (como vimos no primeiro capítulo), e o autor resgata estes importantes acontecimentos no desenrolar do romance.

De forma romântica e realista o romance inicia-se quando Natividade, mulher pobre, conservadora que consegue ascender socialmente, após fazer um bom casamento com Santos um funcionário público e de posse. Temendo as incertezas que o momento lhe oferecia ao final o ano de 1871 (ano em que fora aplicado a lei do ventre livre e se inicia de forma concreta o processo de abolição do país). Sobe ao morro para ver a sorte dos filhos Pedro e Paulo, que ainda não contavam nem um ano.

Os irmãos brigam desde quando estavam no ventre da mãe, e por isso o nome da obra ser *Esaú e Jacó*²⁰. Machado faz uma série de alusões em torno deste trecho bíblico. Assim como Rebeca, mãe de Esaú e Jacó, Natividade também demorou a ter os tão desejados filhos, e também consulta, não Deus, mas a Cabocla do castelo, a qual diz que iriam ser “grandes homens” o que já foi suficiente para acalmá-la e fazer feliz o coração de Natividade.

Os gêmeos nasceram no dia 07 de abril de 1870, data muito sugestiva, e colocada não por acaso, pois é nesta mesma data em que se deu o Manifesto do Partido Republicano iniciando de forma concreta o processo da mudança de regime.

Para prosseguir é importante ressaltar e apresentar as peças chaves deste trabalho. Note-se que o perfil de cada um dos personagens se identificam e representam, com muita clareza os regimes políticos em questão: Pedro é calmo, dissimulado, conservador e defensor ferrenho da Monarquia, neste personagem é visível a simpatia de Machado pelo o império, ele o descreve de forma mais afetiva. Já Paulo é inquieto, tem espírito revolucionário e sede de mudanças, defende a implantação da república e depois dela posta não se contenta e quer

²⁰ Esaú e Jacó: filhos de Isaac e Rebeca. Como Rebeca era estéril, Isaac ora a Deus para que lhe dê um filho. Quando Rebeca concebe, sente os filhos lutando em seu ventre e consulta a Deus, que lhe responde: “Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que outro, e o mais velho servirá ao mais moço”. Mais tarde, Esaú, que era mais velho, vendeu seu direito de primogenitura a Jacó, por um prato de lentilhas.

mudá-la. Machado pode ter construído a personagem de Paulo desta forma devido aos últimos acontecimentos, como as revoltas e movimentos que lutavam para a implantação da República. Diferenças estas que Machado coloca em sua obra para nos relatar as duas faces da história que ocorria no país.

O cap. XXIV “*Robespierre e Luís XVI*” nos chama a atenção para a diferenciação das posições políticas dos meninos. Eles resolvem comprar algumas gravuras que estavam expostas. Pedro escolhe a de Luiz XVI²¹. Paulo quis ter igual fortuna, mas nas suas perspectivas políticas escolhe a de Robespierre²². Tais retratos lhes renderam ofensas e brigas, não satisfeitos um rasga a gravura do outro.

Em 1887, a Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, foi regente do trono do Brasil pela 3ª vez, porque o imperador seguiu para Europa por motivo de doença. Neste período, os rumores de abolição se tornaram mais agravantes e em maio 1888 ela se viu pressionada a assinar a emancipação dos escravos do Brasil. Para Pedro foi um ato de justiça aos negros. Paulo já viu tal ato de outras formas como o início de uma revolução. E ele não estava de todo errado, era o processo de mudanças e transformações que se acentuava.

Em 15 de novembro de 1889, dia que a república foi proclamada, Machado se dedicou a relatar o ocorrido, o dia e o episódio em vários capítulos desta obra. Um deles foi o cap. LX “Manhã do dia 15” no qual percebemos, através da narrativa do autor o alvoroço que se deu no Rio de Janeiro logo de manhã no dia da proclamação da república.

“Quando Aires saiu do passeio público suspeitava alguma cousa, e seguiu até o largo da Carioca. Poucas palavras e sumidas, gente para, caras espantadas vultos que arrepiavam caminho, mas nenhuma notícia clara nem completa. Na rua do Ouvidor, soube que os militares tinham feito uma revolução, ouviu descrições da marcha e das pessoas, e notícias desencontradas. Voltou ao largo onde três tilburis o disputavam, ele entrou no que lhe ficou mais à mão e mandou tocar para o Catete. Não perguntou nada ao cocheiro, este é que lhe disse tudo e o resto. Falou de uma revolução, de dois ministros mortos, um fugido, os demais presos. O imperador, capturado em Petrópolis vinha descendo a “serra...””

²¹ Luís XVI: 1754 – 1793 – Rei da França, de espírito débil e conservador o que foi uma das causas diretas da revolta. Fora preso e condenado à morte de guilhotina.

²² Robespierre: 1758 – 1794 – Revolucionário francês esteve em evidência na junta de salvação pública, no momento mais radical da revolução francesa, mandando guilhotinar dezenas de pessoas. Derrubado em julho de 1794 foi também guilhotinado.

Nesta mesma manhã, em meio à revolução, o Sr. Custódio (proprietário de uma das confeitarias mais tradicionais da rua do catete), nos apresenta de outra forma como recebera a notícia da revolução republicana. No capítulo LXII “Pare no D”.

*Ao acordar de manhã não soube logo do que houve na cidade, mas pouco a pouco vieram vindo às notícias, viu passar um batalhão, e creu que lhe diziam a verdade, os que afirmavam a revolução e vagamente a república.*²³

O episódio da tabuleta, em que o senhor Custódio retira a tabuleta com o nome “Confeitaria do Império” para uma reforma, aborda a questão das relações entre credos políticos e o individualismo burguês. Este episódio recebe um tratamento irônico, na obra de Machado, o temor e a avareza qualificam o conceito de propriedade, expressando-se na busca de um título simultaneamente definitivo, popular e imparcial, que defenda o em qualquer circunstância.

O Sr. Custódio havia mandado restaurar a tabuleta que estava destruída, apodrecida e corroída no seu interior, e tinha o nome “Confeitaria do Império”. Neste ponto podemos associar a tabuleta ao império que já havia desmoronado em suas estruturas e estava apenas representando. Custódio temendo que os revolucionários fossem lhe quebrar a confeitaria, e não tendo nada a ver com política pede sugestões ao Conselheiro Aires. Este ao cogitar um nome para a confeitaria, faz uma reflexão a cerca da instabilidade e incerteza do momento.

*“Considerava eu um dia quantas repúblicas tem sido derribadas por cidadãos que desejam outra espécie de governo, e quantas monarquias e oligarquias são destruídas pela sublevação dos povos, e de quantos sobem ao poder uns são depressa derribados, outros se duram, são admirados por hábeis e felizes...”*²⁴

Através da reflexão de Aires, que é um personagem sábio e ponderado, medidor das palavras para não desagradar a ninguém, é um diplomata aposentado, este personagem em muito se identifica com o autor, que deposita neste, seus pensamentos e posições políticas. Talvez por ser o narrador é sutil e simpático que às vezes se torna empático, pois é o único poupado da ironia machadiana presente no romance. Sua figura é marcante no romance, é

²³ ASSIS. Machado de. Op. Cit p.89.

considerado pai espiritual dos gêmeos e sua presença acaba por ofuscar as demais, passando de personagem secundária a principal, ocupando o centro de toda a narrativa, Nele está todo o desfecho o romance, tem uma visão ampla do que está acontecendo a sua volta, é sutil em suas colocações, mas através deste personagem percebe-se uma certa ironia ao se referir à república e sua descrença em relação ao regime republicano, devido ao processo conturbado, carregado de revoltas e manifestações por todo país em que este estava sendo proclamado.

Aires acreditava que da mesma forma que a república foi proclamada ela poderia ser derrubada. Mas, isso não acontece, mesmo porque a monarquia como vimos, não teria como se reestruturar no país. Aires não acreditava de imediato na proclamação da república, pois já vira nascer e morrer vários boatos falsos, acerca deste assunto, quando as revoltas eclodiam nos arredores do país como no caso do Rio Grande do Sul, somente à tarde quando Santos o visitou e confirmou a queda do império comentou: *É verdade, conselheiro, vi descer as tropas pela rua do ouvidor, ouvi as aclamações à república. As lojas estão fechadas, os bancos também, e o pior é se não abre mais, se cair na desordem pública, é uma calamidade.*²⁵

Neste dia 15 de novembro, o dia dos gêmeos foi bem diferentes Pedro passou o dia querendo saber notícias dos acontecimentos e à noite ficou quieto e calado a pedido da mãe, e pensava:

*... Um crime e um disparate, além de ingratidão; o imperador devia ter pegado os principais cabeças e mandá-los executar. Infelizmente, as tropas iam com eles. Mas nem tudo acabou. Isto é fogo de palha; daqui a pouco esta apagado, e o que antes era torna a ser. Eu acharei duzentos rapazes bons e pronto, e desfaremos esta caranguejola. Aparência é que dá um ar de solidez, mas isto é nada. Não de ver que o imperador não sai daqui, e ainda que não queira, há de governar, ou governará a filha, e na falta dela, o neto. Também ele ficou menino e governou. Amanhã é tempo, por ora tudo são flores...*²⁶

Paulo, por sua vez, se referia aos sucessos do processo de implantação da república, alegremente, estava eufórico, conversara com alguns correligionários e soube do que se passara à noite e de manhã, a marcha e a reunião dos batalhões no campo. As palavras de Ouro Preto ao Marechal Floriano e a resposta deste, a aclamação da República. Enfim, seus sonhos políticos se concretizavam.

²⁴ Idem, p.89

²⁵ Ibidem, p.93

“Como é que eles fizeram isto, sem que ninguém desse pela cousa? Refletia Paulo. Podia ter sido mais turbulento. Conspiração houve decerto, mas uma barricada não faria mal. Seja como for, venceu-se a campanha. O que é preciso é não deixar esfriar o ferro, batê-lo sempre, e renová-lo. Deodoro é uma bela figura. Dizem que a entrada do Marechal no quartel, e a saída, puxando dos batalhões, foram esplêndidas. Talvez fáceis demais; é que o regime estava podre e caiu por si...”

Mas a felicidade e os encantamentos de Paulo não duraram por muito tempo, a república que instaurou-se não era a de seus sonhos, regida por pouco tempo pelo Marechal Deodoro da Fonseca passou o governo às mãos do Marechal Floriano Peixoto e não vigorou conforme suas perspectivas. E o povo que não estava participando do governo vai as ruas reivindicar por seus direitos, ocasionando numa série de revoltas. Estas são algumas das indignações de Paulo com relação ao regime posto.

Os gêmeos se tornam grandes, e foram eleitos deputados, de partidos contrários, mas grandes e em iguais níveis conforme tinha sonhado Dona Natividade. Depois da morte da mãe, resolveram atender a seu pedido, se uniram, e se tornaram amigos, deram uma trégua as brigas. Tudo que faziam eram juntos, quase que grudados.

Mas o tempo foi passando e o distanciamento da morte e da promessa que fizeram foi ficando no esquecimento. Ao cabo de um ano lá estavam Pedro e Paulo eram os mesmo desde o útero. E ainda neste sentido podemos dizer que Machado faz alusões ao regime republicano implantado que este fora apenas uma reelaboração do regime monárquico com os mesmos métodos executivos, e não a oposição do que se estava posto, ou seja, o regime político era o mesmo, antes e depois da proclamação da República. Tanto que o tempo passou e foi em muito abrandando o coração dos jovens, e Pedro passou a aceitar o regime republicano que foi objeto de tantas críticas, intrigas e desavenças. A aceitação não foi rápida nem total restringia algumas coisas, pessoas e ao sistema, mas aceitava o princípio o que já era uma grande vantagem. E queria apenas a conservação do que estava posto. Já Paulo que tinha um espírito inquieto ou mesmo revolucionário, entrou a fazer oposição ao governo, não opunha ao princípio, mas a execução. Não era esta a república dos seus sonhos e dispunha-se a reformá-la. Assim, podemos concordar com as sábias palavras do Conselheiro Aires que os jovens apenas trocaram as armas para continuar o duelo.

²⁶ ibidem, p.98

Assim como Pedro e Paulo, todos os personagens machadianos são fantásticos, e estão inseridos num contexto, seja ele político, social ou econômico, mas todos têm uma importante razão de ser, o que nos possibilita pensar e repensar, em o que o autor está querendo nos relatar através deles. Isso também nos conduz a inúmeros equívocos, portanto, é necessário analisar a obra e o contexto num todo. Machado é um autor que ironiza a sociedade do século XIX e lança inúmeras informações em seus romances, cabe ao leitor compreendê-las e interpretá-las.

Flora por exemplo, é uma personagem engenhosa de Machado, deixa uma série de interrogação a seu respeito. Atravessa a sua curta existência sem perturbar ninguém, ofuscando-se no acaso da vida sem nenhuma manifestação de natureza ruidosa. Ela nos comove, mas desaparece mansamente do romance, como desaparece mansamente de nossa memória sem deixar maior rasto impressivo. Essa falta de importância aparente é proposital, ao analisá-la percebemos que nesta personagem está contido uma série de significados. Capitalista, tem Natividade como exemplo, quer fazer um bom casamento, mas, não consegue decidir qual dos Pedro ou Paulo será o mais o melhor partido, o que inquieta-lhe o espírito, quando é pressionada a se decidir por algum dos irmãos, ou mesmo por pessoas que tem conhecimento da trama, Flora desconversa, e as vezes fica enferma, viaja para dar um tempo e esquecerem o assunto.

Seus pais Dona Cláudia e Batista são as personagens cômicas do romance, querem levar vantagem não importa qual seja o regime vigente. Batista é um conservador convicto na primeira impressão que temos. É membro do Partido Conservador, ex-presidente de província. Apesar de ter sido demitido do cargo por não perseguir os liberais, fica desesperado com a queda do império. Utiliza o motivo de sua demissão para se aliar aos republicanos. E através deste personagem que Machado retrata o sistema político do império, já mecânico e gasto. Batista se transfere para o partido adversário, tal mobilidade política em muito contribui para sua relativa falta de sucesso político. Já Dona Cláudia, é populista, quer o prestígio, que o poder político proporciona, e para tanto não mede esforços em apoiar e influenciar o marido em suas decisões políticas.

Um personagem que representa a nova classe que surgiu com o boom econômico que se deu neste período é Nóbrega, “irmão das almas”, que acaba ficando rico, sem mais nem menos, favorecido pela política do encilhamento. Um capitalista autêntico pedia caridade para

rezar missa às almas quando Natividade doou uma quantia considerável, ele não pensou muito e esta se transferiu da bacia para a algibeira e como esta seguiram várias outras, investiu na bolsa e se tornou rico, ascendendo rápido sem grande esforço. Apaixonou-se por Flora e não aceitava sua recusa, por ser um excelente partido.

... E nada, absolutamente nada, uma simples recusa, uma recusa atrevida, por que enfim quem era ela, apesar da beleza? Uma criatura sem vintém, modestamente vestida, sem brincos, nunca lhe vira brinco às orelhas, duas perolazinhas que fossem, e porque é que lhe furaram as orelhas, se não tinham brincos que lhe dar?

A rejeição de Flora mexe com o orgulho do novo milionário, quando esta morre, é expressivo a alegria através do tom irônico com que Machado de Assis descreve o que passou pela mente do Nóbrega.

“Não vou ao ponto de afirmar que teve prazer com a morte de Flora, só por havê-lo feito acertar na notícia da doença, estando ela perfeitamente sã. Mas que ninguém fosse seu marido, foi uma espécie de consolação. Houve mais: supondo que ela o tivesse aceitado e casassem, pensava agora no esplêndido enterro que lhe faria. Desenhava na imaginação o carro, o mais rico de todos, os cavalos e as suas plumas negras, o caixão, uma infinidade de cousas que, à força de compor, cuidava feitas. Depois o túmulo, mármore, letras de ouro...”²⁷

Através do personagem Nóbrega, Machado apresenta as questões econômicas mostrando que os primeiros anos da república foram marcados por grandes negócios e especulações financeiras, ocasionando numa mobilidade social que escapou ao controle o crescimento do café, a especulação cresceu na bolsa de valores, o surgimento de inúmeros tipos de jogos, fez e desfez milionários da noite para o dia, e como consequência o favorecimento para a instalação da crise do encilhamento. Aires percebe essa ascensão social descontrolada e comenta: *Casos há, em que a impassibilidade do cocheiro na boléia contrasta com a agitação do dono no interior da carruagem, fazendo crer que é patrão que, por desfastio, trepou à boléia e leva o cocheiro a passear*²⁸.

Um personagem que parece sem grande importância no romance, mas expressa a essência da economia do Brasil é o Frade amigo dos gêmeos, através dele Machado denuncia

²⁷ ASSIS. Machado de. Op. Cit. pg. 176

²⁸ ASSIS. Machado de. Op. Cit p.112

as influências dos estados de grande importância econômica do Brasil como RJ, MG, SP e RS. Através de sua imagem que é detalhadamente descrita, John Gledson, faz uma interessante relação da imagem do personagem com o ideal republicano e a economia, enfocando o café que era a grande promessa de progresso do país. O Frade sempre viaja para as regiões de principais cultivo do café e retorna sempre com aparências diferenciadas. Em um momento *ele retorna maltrapilho não simbolizando a república, mas o ideal de republicano que jamais chegou a se tornar real, embora tenha existido como ideal durante os primeiros anos do século XIX...*²⁹

Através de uma análise deste personagem, John Gledson nos mostra a decepção da República que não foi, comparando o Frade que morre nas piores condições, pobre e maltrapilho *"dobrou a esquina da vida e morreu na praça da morte"*.³⁰ Aos ideais republicano, que nunca chegaram a ser executados e acabam mortos e esquecidos.

Percebe-se que a mensagem do romance centra-se numa competição política importante para a história, apresentando o constante desespero com as práticas políticas do regime republicano, não era esta a república que foi anunciada, almejada e tão sonhada por todos que acreditaram que mudaria a situação econômica e social do país, mas, a "República" já estava proclamada.

²⁹ GLEDSON, John. Op. Cit. p.180.

³⁰ idem, p. 180.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Machado de Assis (1839 - 1908)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, só resta uma certeza, de que muito ficou a ser analisado e investigado no romance *Esau e Jacó*, que é sem dúvida uma grande obra literária de Machado de Assis. O prazer que nos conduz à leitura e a forma intrigante em que nos informa sobre o que esta acontecendo no momento que o romance esta sendo narrado. Romântico apesar de Realista. Gratificante apesar de difícil. Percebi que a escolha desta obra foi um desafio, mas que espero ter conseguido alcançar os propósitos a que me propus.

A escolha desta obra se atribui ao fato de ser um romance que vai além de 1889, trás a política e a história para uma reflexão. Através de *Esau e Jacó*, Machado relata: guerras civis, revoltas por todo país, o encilhamento, ditadura enfim uma série de acontecimentos que cercam a queda do império e os primeiros anos da república.

O objetivo deste trabalho foi fazer uma reflexão sobre a situação do Rio de Janeiro e do Brasil às vésperas da proclamação da república, e primeiros passos do novo regime político no país. Procuro mostrar como essa passagem de Monarquia à República foi carregada de conflitos, desencontros e decepções, apresentando os movimentos sociais e políticos que se deram antes da república, e a importância destes para a ascensão do novo regime em várias regiões do país, observando também que as revoltas não cessaram, devido às insatisfações que vieram com as práticas republicanas ocasionando em um embate ao novo regime implantado.

Ressaltando assim, a importância do processo histórico político no romance, apontando como isso foi acompanhado na visão de Machado de Assis, em especial neste romance "*Esau e Jacó*", o qual nos proporciona uma reflexão da história política do Brasil através de seus fantásticos personagens dentre os quais destacamos os irmãos gêmeos Pedro e Paulo, eles se divergiam em tudo, especialmente nas preferências políticas: um defensor da monarquia o outro um grande idealizador republicano, essa divergência entre eles nos dá uma visão ampla dos ideais político republicanos que propunham, mas percebe-se que estes ideais não são realizados através das insatisfações e decepções do personagem Paulo com o regime implantado, mas este não desiste e acredita que a república democrática idealizada, dos seus sonhos possa ser posta, então se torna deputado pelo partido liberal. E Pedro que era um monarquista, ao perceber as práticas republicanas, que não se diferenciam muito das que

vinham sendo posta pelo o regime paternalista, adere-se a ela, e se torna um deputado do partido conservador.

Não resta dúvida de que Paulo é um idealista utópico daquele período, a cultura política do Brasil estava enraizada nos padrões de paternalismo português e não mudaria da noite para o dia, mesmo que isso fosse de vontade da grande parte do povo, como vimos através dos movimentos que se deram de norte a sul do país. A república foi posta para que tais movimentos fossem sanados, mas com prática de poucas mudanças ocasiona outras sangrentas revoltas, representando as insatisfações do povo brasileiro com a república implantada.

Tendo todo um contexto histórico, e uma obra literária tão rica no sentido histórico-político, percebi as possibilidades para a realização deste trabalho, através de grandes teóricos que realizaram várias abordagens nesta perspectiva, ou seja, percebendo a relação entre literatura e história como uma via de mão dupla, onde uma contribui para o enriquecimento e encantamento de outra.

Procurei enfatizar o cenário sócio-político, econômico e cultural do país e da cidade do Rio de Janeiro criado por Machado de Assis, através do Conselheiro Ayres, um dos seus personagens favoritos, um diplomata aposentado que volta para o Rio de Janeiro depois de passar anos no exterior, o escritor vê os acontecimentos que nos conduziram a república de 1889.

Há nas entrelinhas deste romance *Esau e Jacó*, inúmeros significados de teor histórico-político e social, a serem investigados. Aqui, coube a mim refletir acerca de alguns, pelo fato da pesquisa ser direcionada no viés político, cultural. Mas este nos proporciona uma amplitude de assuntos com os quais podemos realizar estudos mais aprofundados, mas isso são “*Cousas Futuras...*”.

**BIBLIOGRAFIAS
E FONTES**

FONTE:

- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Esau e Jacó*. 2 ed. São Paulo, Ática, 1977

BIBLIOGRAFIA

- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou ofício de historiador*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001.
- BORIS, Fausto. A Primeira República. In: *História do Brasil*. Ed. da USP.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *História geral da civilização brasileira*, vol.3 São Paulo: Difusão Européia do livro 1964
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 1º vol.. São Paulo, Martins 1964.
- _____, *Literatura e Sociedade*. Cia Editora nacional São Paulo 1985.
- CARONE, Edgard. *A República velha In: instituições e classes sociais (1889–1930)* Rio de Janeiro / São Paulo: Difel, 1978.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: Historiador*. São Paulo. Companhia das letras, 2003.
- _____, e PEREIRA Leonardo Afonso de Miranda. *A História Contada: Capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- DUBY, Georges et al. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: Ficção e História*, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.
- GUINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- LE GOFF, Jacques. e NORA, Pierre. *História novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- MOISÉS, Massaud. *Presença da Literatura Portuguesa: Romantismo Realismo*: Rio de Janeiro – São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1978.
- NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo: conferencias e discursos abolicionistas*. São Paulo: Progresso editorial, 1949.
- NUNES, Cassiano. *Machado de Assis: Crítico da Classe Ociosa*. São Paulo: ed. Civilização Brasileira. 1984.

- PESAVENTO, Sandra Jathay. *A Maldita Cidade*. In: *Imagens Urbanas: Os Diversos Olhares na Formação do Imaginário Urbano*. Porto Alegre: Ed. da UFRS, 1ª ed. 1997.
- _____, *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 6ª ed. 1992.
- PORTELA, Eduardo. *Literatura e Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 5ª ed. 1986.
- RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- SERVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Ed. 34, 3ª ed. 1997.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*, 6ª ed., Belo Horizonte: Edusp, 1988.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *O Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.
- TAPAJÓS, Vicente. *História do Brasil*. 14. Ed. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1967.

DISSERTAÇÕES:

- SILVEIRA, Cristiane da. *O Alvorecer da República sob o Olhar Interpretativo de Lima Barreto*. Dissertação de mestrado. Uberlândia – MG, 2004.

FILMES

- Carlota Joaquina

Título Original: Carlota Joaquina, Princesa do Brasil

Gênero: Comédia, cor, 100 min. 1995, Brasil

Direção: Carla Camurati

Produção: Bianca de Felippes e Carla Camurati

Música: André Abujamra e Armando Souza

Elenco: Marco Nanini, Marieta Severo, Ludmila Dayer, Maria Fernanda, Beth Goulart, Thales Pan Chacon, Vera Holtz, Ney Latorraca, Norton Nascimento, Marcos Palmeira, Carla Camurati

- A Casa das Sete Mulheres

Título: A Casa das Sete Mulheres

Gênero: Drama, Cor, 1084min, 52 cap. 2003, Brasil

Direção: Jayme Monjardin, Marcos Schechtman

Produção: Jayme Monjardin

Música: Marcus Vianna

Elenco: Camila Morgato, Werner Schunemann, Daniela Escobar, Eliane Giardini, Mariana Ximenes, Thiago Lacerda, Samara Felipe, Marcelo Novaes, Nívea Maria, Luis Melo, e outros.

- Guerra de Canudos

Título: Guerra de Canudos

Gênero: Ficção, Cor, 170 min. 1997, Brasil.

Direção: Sérgio Rezende

Produção: Sérgio Rezende

Música: Edu Lobo

Elenco: Cláudia Abreu, José Wilker, Paulo Betti, Marieta Severo, Selton Mello, Roberto Bomtempo, Tonico Pereira.

Locações: Junco do Salitre (Juazeiro - BA)